

PERCURSO DE MUDANÇA DE [MEIO QUE] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E AS CONSTRUÇÕES [KIND OF/KINDA] DO INGLÊS E [EN PLAN (DE)] DO ESPANHOL: INVESTIGAÇÃO CONTRASTIVA À LUZ DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIACRÔNICA

THE CHANGE PATH OF [MEIO QUE] IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND THE CONSTRUCTIONS [KIND OF/KINDA] IN ENGLISH AND [EN PLAN (DE)] IN SPANISH: A CONTRASTIVE ANALYSIS IN THE LIGHT OF DIACHRONIC CONSTRUCTION GRAMMAR

Luis Filipe Lima e Silva¹

Sueli Maria Coelho²

RESUMO

Este trabalho analisa o percurso de mudança da construção [meio que] no português brasileiro, fazendo-se uso de dados que abarcam um período de seis séculos (XVI-XXI), extraídos do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2019). Propõe-se, com base no quadro teórico da Gramática de Construções Diacrônica (SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), que essa construção integra a rede formada pelo nó superior [X que], contudo, diferentemente de outras construções instanciadas por esse nó, [meio que] não se gramaticaliza como conjunção ou como índice de modalidade, mas, inicialmente, como advérbio e, posteriormente, como marcador discursivo. Ademais, propõe-se que o processo tenha sido desencadeado a partir da reanálise do NP complexo [Det meio [que...]]_{NP}, compreendendo uma trajetória de mudança semelhante à das construções [kind of/kinda] do inglês (MARGERIE, 2010) e [en plan (de)] do espanhol (RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020), o que atesta translinguisticamente o *cline* nome > advérbio > marcador discursivo, como propôs Rodríguez-Abrunheiras (2020). Adicionalmente, foram contemplados na análise os fatores de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade da construção [meio que]. Constatou-se que há uma tendência de queda dos usos lexicais (como NP complexo cujo núcleo é o nome *meio* ou como parte de um numeral seguido de *que*) no século XX e uma tendência de crescimento dos usos construcionalizados (como advérbio ou como marcador discursivo) a partir desse mesmo século, período em que ocorre a mudança, bem como que tais séries estão inversamente correlacionadas, conforme atestaram os testes estatísticos empregados na análise quantitativa do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Construção [meio que]. Construção [kind of/kinda]. Construção [en plan (de)]. Gramática de Construções Diacrônica. Análise contrastiva.

ABSTRACT

This paper analyzes the change path of the construction [meio que] in Brazilian Portuguese, using data covering a period of six centuries (16th-21st), extracted from the *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2019). Based on the theoretical framework of Diachronic Construction Grammar (SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), it is proposed that this construction integrates the network formed by the superior node [X que], however, unlike other instantiated constructions by this node, [meio que] is not grammaticalized as a conjunction or as an index of modality, but, initially, as an adverb and, later, as a discourse marker. Furthermore, it is proposed that the process was triggered from the reanalysis of the complex NP [Det meio [que...]]_{NP}, comprising a change path similar to that of the constructions [kind of/kinda]

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), luisf.1397@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0188-2861>.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sucoelho@ufmg.br, <https://orcid.org/0000-0003-4021-0339>.

in English (MARGERIE, 2010) and [en plan (de)] in Spanish (RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020), which translinguistically attests the cline noun > adverb > discourse marker, as proposed by Rodríguez-Abrunheiras (2020). Additionally, the factors of schematicity, compositionality and productivity of the construction [meio que] were analyzed. It was found that there is a downward trend in lexical uses (as a complex NP whose head is the noun *meio* or as part of a numeral followed by *que*) in the 20th century and a growing trend in constructionalized uses (as an adverb or as a discourse marker) from that same century, period in which the change occurs, as well as that such series are inversely correlated, as attested by the statistical tests used in the quantitative analysis of the phenomenon.

KEYWORDS: [meio que] construction. [kind of/kinda] construction. [en plan (de)] construction. Diachronic Construction Grammar. Contrastive investigation.

Considerações iniciais

Se, por sua natureza lenta e gradual, a mudança linguística já tende a não ser identificada pelo falante, tal percepção torna-se ainda mais ofuscada em se tratando daqueles processos que se assentam na gramática da língua, sobretudo na sua sintaxe, e dali se expandem para outros níveis. Assim, embora atuem como agentes propulsores da mudança, os falantes normalmente não se dão conta de que as formas da língua em uso são como uma ciranda e de que nesse movimento regido pela pragmática o sistema se expande.

Um dos mecanismos tradicionais de expansão da língua é a gramaticalização, aqui concebida não em sua acepção clássica (cf. MEILLET, 1912; KURYŁOWICZ, 1965), mas como um processo essencialmente de expansão contextual das possibilidades de uso (HIMMELMANN, 2004), o que implica assumir que não são as formas/itens que se gramaticalizam, mas o contexto em que tais formas/itens ocorre, isto é, a construção³ como um todo é que passa por um processo de expansão de usos. Tal processo opera, obviamente, segundo padrões já conhecidos do falante, o que o torna mais econômico tanto em termos do processamento cognitivo quanto do ponto de vista de sua descrição.

Nesse contexto, conceber a *construção* como a unidade básica da língua, tal como proposto por Goldberg (1995), e a língua como uma rede de construções, otimiza a descrição do fenômeno de que nos ocupamos neste estudo: a construção [meio que]. Esse par forma-significado parece seguir um padrão bastante produtivo na língua portuguesa para formação de construções conjuntivas, qual seja, o padrão [X que], conforme ilustrado por estes dados coletados na interface NOW do *Corpus* do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/now/>):

- (1) “[**Dado que**] quase todos os veículos têm hoje um filtro de habitáculo, é difícil acreditar que houve um tempo em que esse produto vital simplesmente não existia.”
- (2) “Não há que se falar em ‘vício oculto’, [**posto que**] para esse existir ele deve ser anterior à venda.”

³ Cumpre-nos advertir o leitor acerca da acepção em que o termo *construção* foi adotado pelo autor: não se trata de um pareamento forma e sentido, tal como concebido por Goldberg (1995), mas da combinação sintagmática (construção) em que a forma/item é usada em determinado contexto.

- (3) “As aparições acontecem [**sem que**] eu espere.”
- (4) “Os detentos que integram o projeto recebem um salário mensal, [**sendo que**] um terço do dinheiro fica retido na conta deles até o cumprimento da pena [...].”
- (5) “Não podemos arriscar. [**Vai que**] é nosso dia de azar.”
- (6) “O funcionário foi afastado da loja [**logo que**] as agressões se tornaram públicas.”
- (7) “[...] o correto seria buscar socorro e atendimento médico [**assim que**] começasse a passar mal.”
- (8) “Ao sair do governo, voltará para a Câmara, [**já que**] é deputado federal”.
- (9) “Não estou dizendo que tenha existido a denúncia, [**só que**] ela tinha sido feita há dois anos e meio.”
- (10) “É [**meio que**] obrigação do atacante fazer gols.”

A análise dos dados acima nos permite refinar um pouco mais a descrição do padrão [X que] no português, por meio da proposição de alguns subesquemas: (i) [PARTICÍPIO que], conforme (1) e (2); (ii) [PREPOSIÇÃO que], ilustrado em (3); (iii) [VERBO que], como (4) e (5); e (iv) [ADVÉRBIOS que], tal como exemplificado pelos enunciados de (6) a (9). Segundo se infere dos dados ora apresentados, do ponto de vista da forma, nosso objeto de estudo parece se conformar ao padrão construcional [X que], bem como ao subesquema [ADVÉRBIOS que]. Do ponto de vista funcional, contudo, a construção [meio que], ao contrário das demais ora ilustradas, não integra o paradigma das conjunções, já que não se presta a conectar orações ou termos de mesma função. Antes, apresenta a propriedade de transitar por várias posições da sentença, determinando sintagmas nominais, adjetivais, preposicionais, verbais, adverbiais ou mesmo toda a oração, como demonstram, respectivamente, os dados de (11) a (16), extraídos de nosso *corpus*:

- (11) “Eu já tinha [**meio que**] *um estilo definido* e, quando comecei com as tirinhas, eu só retomei.”
- (12) “A pessoa que escreveu a coluna é [**meio que**] *viciada* no drama humano.”
- (13) “Resolvi mandar meu currículo [**meio que**] *de brincadeira* e, no fim, deu certo.”
- (14) “Eu [**meio que**] *deixei rolar* e ganhei muito peso.”
- (15) “E, assim [**meio que**] *de repente*, vemos irromper na superfície da sociedade selvagem atos de violência.”

(16) “[Meio que] *tira um pedaço de você não poder fazer o que mais ama.*”

Problematizada a questão que motivou nossa pesquisa, cumpre-nos apresentar também as três hipóteses que exploramos: (i) a despeito de a construção [meio que] evocar um padrão prototípico [ADVÉRBIO QUE_{conjunção}], acreditamos que ela tenha se formado a partir da reanálise de um sintagma nominal complexo formado por [(determinante) MEIO_{nome} QUE_{transpositor relativo}]; (ii) a construção [meio que] se gramaticalizou inicialmente com função adverbial – da qual herdou tanto a noção de parcialidade quanto a mobilidade sintática –, expandindo seu uso para os domínios da articulação discursiva; (iii) [meio que], apesar de não integrar o paradigma das construções conjuncionais da língua portuguesa, configura-se à forma do *chunk* [X que] em função de sua alta produtividade na língua.

Em face do que até aqui se expôs, delinea-se o propósito fundamental de nosso estudo: descrever o processo de gramaticalização que culminou na construção [meio que] na variante brasileira da língua portuguesa contemporânea, com vistas a identificar sua possível relação com o padrão construcional [X que]. No bojo desse objetivo maior, emergem três outros: (i) testar as hipóteses ora aventadas, (ii) descrever os usos da construção [meio que] na variante brasileira do português contemporâneo a partir de uma perspectiva funcionalista e (iii) comparar nossos resultados com aqueles de Margerie (2010), que investiga a gramaticalização de [kind of/kinda] no inglês, e com os de Rodríguez-Abruñeiras (2020), que analisa a gramaticalização/pragmatização de [en plan (de)] no espanhol, de modo a verificar se nossa construção segue o padrão alegadamente universal de gramaticalização que culmina na emergência de marcadores discursivos, segundo proposta de Rodríguez-Abruñeiras (2020).

Levando-se em conta tais propósitos, nosso trabalho tem, portanto, o potencial de contribuir para a descrição das funcionalidades da construção [meio que] na língua portuguesa, investigando sua possível relação de herança com construções conjuntivas de padrão [X QUE], bem como de verificar em outra língua românica, por meio da análise contrastiva com os estudos ora referenciados, uma eventual correspondência com o padrão universal do *cline* nome > advérbio > marcador discursivo. Considerando a natureza contrastiva de nossa proposta de investigação, bem como a abordagem metodológica adotada e descrita na segunda seção, que a diferenciam dos trabalhos de Lima *et al.* (2017) e de França (2018), acreditamos que as reflexões e generalizações aqui apresentadas são relevantes para os estudos linguísticos, especialmente para aqueles que se voltam para a universalidade dos processos de mudança linguística.

Para alcançarmos nossas metas, apoiamo-nos teoricamente no arcabouço da Gramática de Construções Diacrônica, bem como numa análise contrastiva com dados do inglês e do espanhol. Os procedimentos que adotamos e os resultados que alcançamos estão descritos ao longo deste texto, que assim se organiza: na primeira seção, apresentamos o conceito de gramaticalização que estamos adotando, relacionando-o ao processo de mudança e à pragmatização/discursivização. Na segunda

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

seção, apresentamos nossos procedimentos metodológicos. Na seção 3, descrevemos o processo de gramaticalização da construção [meio que] na variante brasileira do português e suas funcionalidades nessa língua. Na quarta seção, estabelecemos uma análise contrastiva entre nossos dados e os trabalhos de Margerie (2010) e de Rodríguez-Abruñeiras (2020). Tecemos, na sequência, nossas considerações finais, recapitulando os principais pontos da discussão e sinalizando perspectivas futuras.

1. Gramaticalização e ampliação de usos

Desde que o termo *gramaticalização* foi cunhado por Meillet (1912), muito se refletiu e se avançou nesse campo, o que não significa, contudo, que se tenha alcançado um consenso acerca das questões que o permeiam, quer estejam elas ligadas a conceber (ou não) a gramaticalização como um processo de mudança linguística, quer se relacionem a estudá-la numa perspectiva diacrônica, já que tradicionalmente priorizou-se o enfoque sincrônico. Também no que tange à forma como foi concebida, identificam-se divergências paradoxais à medida que as reflexões avançam em torno do tema. Nesse percurso, a gramaticalização já foi entendida tanto como um processo de redução e de ampliação de dependência (GIVÓN, 1979; LEHMANN, 1982; HEINE, 1993), quanto como um processo essencialmente de expansão contextual (HIMMELMANN, 2004), acepção que adotamos no âmbito deste estudo.

Segundo esse entendimento, o conceito de gramaticalização não se restringe à mudança de categoria lexical para gramatical ou ainda de um estágio menos gramatical para um mais gramatical, mas abarca qualquer tipo de expansão de usos, seja tal expansão relacionada a classes e a contextos sintáticos, seja a fenômenos de natureza semântico-pragmática, aí inclusos os processos que culminam na formação de marcadores discursivos, como parece ser o caso de nosso objeto de estudo. Ademais, dado que a expansão é um processo que envolve subjetivização, nova interpretação e reanálise, concebemos a gramaticalização como um processo de mudança⁴ e, como tal, mais apropriadamente estudado numa abordagem diacrônica. Concebê-la nessa perspectiva nos permite, portanto, “indagar não apenas sobre mudanças em um item, mas também sobre como a gramaticalização ocorre no contexto, e muitas vezes depois que o processo se iniciou” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 109, tradução nossa)⁵, isto é, como está se dando o movimento de expansão dos usos.

⁴ Obviamente, o processo de mudança linguística que envolve a gramaticalização enquanto expansão de usos não se conforma ao modelo laboviano que pressupõe concorrência entre duas variantes linguísticas até que uma venha a suplantar a outra. Embora ambos os processos envolvam subjetivização e reanálise, no caso da gramaticalização, as formas envolvidas, exatamente em virtude da expansão dos contextos de uso, não são variantes linguísticas no estágio que precede a mudança. Entretanto, como advertem Traugott e Trousdale (2013), construções já gramaticalizadas podem entrar em concorrência na língua, desencadeando novos processos de mudança: “expansion is characteristic of grammatical constructionalization and of subsequent constructional changes, at least until such time as a new competing construction comes into being, but not necessarily after that” (p. 112).

⁵ Do original: “GE asks questions not only about changes in an item but also about how grammaticalization occurs in context, and often after grammaticalization has set in”.

As abordagens que compreendem a gramaticalização numa perspectiva construcional concebem o processo de expansão contextual em termos de mudança na esquematicidade, na produtividade e na composicionalidade das formas envolvidas. Tal processo implica aumento na esquematicidade (perda de conteúdo nocional correlacionada à maior abstração) e na produtividade (maior frequência de uso) com inversa redução na composicionalidade (transparência na ligação entre forma e sentido)⁶.

No que tange à produtividade, importante destacar que, no caso específico da gramaticalização, o que a define não é o mero aumento da frequência *token*, mas a ampliação da frequência *type*, pois ela está correlacionada à esquematicidade. Segundo defende Barðdal (2008, p. 9, tradução nossa), “construções com frequência *type* alta não necessitam apresentar um alto grau de coerência semântica para serem produtivas”⁷. Por outro lado, “construções individuais com frequência *token* alta tendem a ser entrincheiradas e, portanto, acessíveis como modelos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 119, tradução nossa)⁸, o que explicaria o fato de o padrão da construção conjuntiva [X QUE] ou ainda de seu subesquema [ADVÉRBIO QUE] estar na base da construção [meio que], ainda que funcionalmente ela não se conforme a ele. Assim, uma vez esquematizada segundo tal padrão, a construção [meio que] tende a aumentar sua frequência de uso, o que atesta que, nesse processo de mudança, esquematicidade e produtividades estão interligadas.

Em contrapartida, nota-se, à medida que o processo avança, uma redução da composicionalidade semântica das formas envolvidas, subordinando a analisabilidade do composto ao esquema que lhe serviu de modelo. “Uma vez estabelecida, a nova microconstrução fica disponível para o usuário da língua empregá-la em uma gama potencialmente mais ampla de contextos [...], aumentando assim sua frequência de uso” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121, tradução nossa)⁹, o que tende a incidir sobre a forma, tornando-a mais propensa à integração e à redução fonológica (BYBEE, 2006). Cabe, contudo, observar que, conforme demonstram Hay (2001, 2002) e Bybee e McClelland (2005), a perda da composicionalidade se dá de modo gradiente. Assim, no caso de nossa construção, a noção de parcialidade ou de aproximação, identificada em contextos como este, extraído do *corpus* – “Quando vi a notícia, eu fiquei, não sei, [meio que] fora de si, sem saber o que fazer [...]” –, ilustra a persistência de alguns traços da semântica do nome *meio* (do latim *mēdius* = que está no meio ou entre dois pontos: “[...] porque houve uma série de problemas no meio do caminho [...]”), que está na base da constituição do composto), e que se manifestam também nos usos de *meio* como numeral

⁶ Traugott e Trousdale (2013) defendem que “increase in productivity and schematicity are characteristic of constructionalization in general not specifically of grammatical constructionalization, but there are differences in the types of schematicity and productivity involved” (pp. 112-3).

⁷ Do original “constructions high in type frequency need not show a high degree of semantic coherence in order to be productive”.

⁸ Do original: “Individual constructions with high token frequency are likely to be entrenched, and hence available as models”.

⁹ Do original: “Once established, the new micro-construction became available for the language user to deploy in a potentially wider range of context [...] thus increasing its frequency of use”.

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

(“[...] será preciso pelo menos um ano e **meio** para a aprovação das reformas constitucionais”) e como advérbio (“Até pouco tempo estava **meio** acuado”).

2. Procedimentos metodológicos

A metodologia empregada neste trabalho conjuga tanto uma perspectiva qualitativa quanto quantitativa de análise, baseando-se na observação e na descrição dos dados segundo os parâmetros analíticos da Gramática de Construções Diacrônica (cf. SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; HILPERT, 2018; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, entre outros). Ao analisarmos o percurso de desenvolvimento da construção de que nos ocupamos, levamos em consideração também parâmetros de análise mais gerais comuns a fenômenos de mudança categorizados como gramaticalização, tais como a diferenciação entre construções lexicais, gramaticais e discursivas (cf. HIMMELMANN, 2004; MARGERIE, 2010; RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020). Os parâmetros analíticos oriundos da Gramática de Construções Diacrônica envolvem primordialmente a delimitação da rede taxonômica da construção em formato diagramático como um dos critérios representacionais elaborados e comumente usados por essa vertente teórica. Além disso, destacamos os critérios de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, que são fatores descritivos para a exploração do fenômeno (cf. seção 1). Adicionalmente, o critério da produtividade foi explorado também numa perspectiva quantitativa de análise, conforme será explicado a seguir.

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos de duas seções do *Corpus* do Português: (i) Histórica (DAVIES; FERREIRA, 2006), composta por aproximadamente 45 milhões de palavras e que contempla textos do século XIII até o século XX; e (ii) NOW (DAVIES, 2019), formada por cerca de 1,1 bilhão de palavras, reunindo textos do século XXI divididos por semestres que abrangem os anos de 2012 até 2019. É importante destacar que as duas seções do *Corpus* do Português não são balanceadas quanto ao número de palavras. Assim, como a frequência desempenha um importante fator na investigação dos fenômenos de mudança, torna-se fundamental considerar a frequência relativa das ocorrências de cada subseção do *corpus*. Caso contrário, poderíamos ter um resultado não condizente com o que os *corpora* realmente mostram, pois quanto mais palavras uma subseção apresenta, maiores são as chances de encontrarmos dados de [meio que].

De acordo com Biber *et al.* (1998, p. 263, tradução nossa), a normalização da frequência “[...] é uma forma de ajustar as contagens da frequência bruta oriundas de textos de extensões diferentes para que possam ser comparados com precisão”¹⁰. Calculamos a frequência relativa dividindo a frequência absoluta das ocorrências pelo número total de *tokens* do *corpus* (no caso, cada subseção dos *corpora*) e multiplicamos o resultado por uma base para normalização¹¹. Assim, o cálculo adotado para obtermos

¹⁰ Do original: “[...] is a way to adjust raw frequency counts from texts of different lengths so that they can be compared accurately”.

¹¹ Biber *et al.* (1998, p. 264) dizem que “frequency counts should be normed to the typical text length in a corpus”. Considerando as características dos *corpora*, escolhemos a base de 1.000.000. Salienta-se, não obstante, que é preciso levar em consideração que “there is a huge imbalance in the frequency of the words” (SINCLAIR, 1991, p. 18), o

a frequência relativa pode ser sintetizado na seguinte fórmula: $\text{freq. rel.} = (\text{freq. abs.} / \text{n. de tokens do corpus}) \times \text{base}$ para normalização. O referido cálculo foi feito para os dados de cada século em que houve ocorrência de [meio que]. É preciso mencionar que consideramos todas as ocorrências da seção histórica. Para a seção NOW, contudo, selecionamos uma amostra utilizando o critério de extrair todas as ocorrências da primeira página de cada subseção (2012-2019)¹². O número total de *tokens*, considerando-se os dados da seção Histórica e da NOW, foi de 1582 (mil quinhentos e oitenta e dois), que foram agrupados sob os rótulos “lexical” (sentido composicional) e “construcionalizado” (sentido não composicional).

Como observamos os dados diacronicamente, nosso objeto de estudo, a partir de uma perspectiva quantitativa, constitui uma série temporal, isto é, um conjunto ordenado de observações feitas ao longo do tempo. Desse modo, torna-se necessário submeter nossos resultados a testes estatísticos específicos para esse tipo de dado. Selecionamos, para tanto, o teste de Dickey-Fuller aumentado para verificar a estacionariedade das séries (respectivamente, “lexical” e “construcionalizado”) e o teste tau-b de Kendall para aferir o nível de correlação entre elas.

O teste de Dickey-Fuller aumentado indica se a série é estacionária, isto é, se “ela se desenvolve no tempo aleatoriamente ao redor de uma média constante, refletindo alguma forma de equilíbrio estável” (MORETTIN; TOLOI, 2006, p. 4). Em outras palavras, por meio desse teste, é possível verificar se há uma tendência, com inclinação positiva ou negativa, ou se tal tendência inexistente. A hipótese nula do teste é a de que a série seja não estacionária. Em razão disso, o p-valor precisa ser maior ou igual a 0,05 para que a hipótese alternativa seja rejeitada e, por conseguinte, seja possível interpretar o valor fornecido pela aplicação do teste como uma tendência.

O tau-b de Kendall, por sua vez, é um teste usado para medir a correlação entre duas variáveis, observando, mais especificamente, se o valor delas aumenta ou diminui em relação ao aumento ou à diminuição do valor da outra. O coeficiente fornecido pelo teste indica, portanto, se há uma correlação positiva ou negativa entre as variáveis, com valores entre -1 (correlação negativa) e $+1$ (correlação positiva), de modo que quanto mais próximo de 0, mais fracas serão as correlações. Para que o coeficiente seja interpretado, o p-valor deve ser menor ou igual a 0,05.

Toda a análise quantitativa foi realizada em linguagem Python, utilizando-se as seguintes bibliotecas: (i) Pandas (McKINNEY, 2010), para organização dos dados em *dataframes*; (ii) SciPy (VIRTANEN *et al.* 2020) e Statsmodels (SEABOLD; PERKTOLD, 2010), para análise estatística; e (iii) Seaborn (WAKSOM, 2021), para visualização.

A última etapa da pesquisa consistiu na análise contrastiva de nossos resultados com os trabalhos de Margerie (2010) e de Rodríguez-Abruñeiras (2020) que estudaram, respectivamente, as construções [kind of/kinda] no inglês e [en plan (de)] no espanhol, com vistas a verificar a (in)

que indica que qualquer tipo de normalização da frequência deve ser entendido como uma hipótese de distribuição das palavras.

¹² A base de normalização utilizada para o cálculo da frequência relativa foi a mesma para as duas seções.

existência de um percurso de gramaticalização universal para as construções que se gramaticalizam como marcadores discursivos a partir da reanálise de sintagmas nominais complexos. Iniciemos nossa análise pela descrição do processo de gramaticalização de nossa construção.

3. Rede taxonômica construcional de [meio que]: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

A construção parcialmente esquemática [X que], conforme ilustrado nas considerações iniciais, instancia algumas construções também parcialmente esquemáticas, cuja forma é a mesma, não obstante, têm sentidos e funções distintos. A primeira, e certamente a mais antiga na língua, bem como a mais produtiva, é a construção [X que]_{CONJ}, isto é, a construção que dá origem a locuções conjuntivas (cf. CEZARIO *et al.* 2015). Essa construção instancia, por sua vez, alguns padrões de onde provêm tais locuções na língua, cada qual com sentidos diferentes: as locuções conjuntivas que têm como fonte (i) o particípio passado de verbos como *dar*, *pôr*, *ver* etc., que resultam nas locuções [dado que], [posto que] e [visto que]; (ii) os advérbios *logo*, *assim*, *ainda* etc., que compõem as locuções [logo que], [assim que], [ainda que]; (iii) as preposições *sem*, *desde*, *até* etc., que se juntam a *que* para formar as locuções [sem que], [desde que], [até que]; (iv) os sintagmas com estrutura complexa (NPs, PPs), que apresentam núcleo nominal – tais como [uma vez]_{NP}, [a fim de]_{PP}, [à medida]_{PP}, [na hora em]_{PP} – e que se juntam a *que* para formarem as locuções [uma vez que], [a fim de que], [à medida que], [na hora em que]. Além disso, [X que] instancia a construção [X que]_{MOD}, que dá origem a índices de modalidade, abarcando o subesquema [VERBO_{FLEX} que], de onde provêm os índices formados, por exemplo, pelos verbos *ter*, *achar* e *pensar*, como em [tenho que] [acho que], [penso que] etc. A construção [X que] é ainda o padrão fonte para outras construções mais recentes, como [só que]_{CONJ}, locução conjuntiva coordenativa com valor adversativo, e [vai que]_{CONJ}, locução conjuntiva subordinativa com valor condicional.

Outra instanciação de [X que] é a construção [X que]_{ADV}, de onde provém a construção [meio que], instanciada, por sua vez, pela construção [N que]. Nota-se, portanto, que há a criação de um novo nó na rede taxonômica de construções instanciadas por [X que], ou seja, [X que]_{ADV}. Esse nó instanciará a construção [N que]_{ADV}, subesquema de [meio que]. Como se trata de um novo nó da rede, pode-se assumir que há, nesse caso, um aumento do nível de esquematicidade da construção [X que], como é comum nos processos de construcionalização gramatical, conforme assumem Traugott e Trousdale (2013). A partir da gênese e do uso cada vez mais frequente da construção [meio que]_{ADV}, emerge um subnó na rede, por meio de um processo posterior à construcionalização, denominado por alguns autores como pós-construcionalização, que mantém, em alguns casos, a forma segmental, mas que adiciona uma série de nuances de sentido, algumas delas pragmático-discursivas, a [meio que]. Nesse processo, cumpre esclarecer que, embora a forma segmental, em alguns casos, possa permanecer inalterada¹³, a forma suprasegmental pode sofrer alteração, uma vez que a taxa de articulação, em

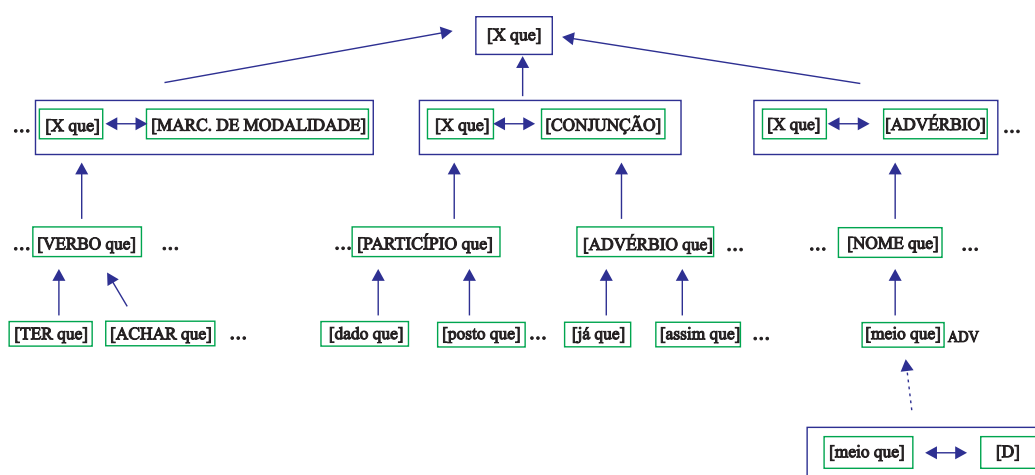
¹³ Na fala, a construção [meio que] pode sofrer redução fonética, sendo realizada como [mei q(ue)].

certos ambientes, parece perceptivamente ser mais elevada que a do restante do enunciado¹⁴. Nesse sentido, estamos propondo que o contorno prosódico, levado a cabo por diferentes propriedades acústicas, também deve ser considerado como uma forma, tal como a forma segmental, justamente porque não é possível realizar a atividade da fala sem a atuação da camada suprasegmental na veiculação dos enunciados. Consideramos, portanto, que a emergência de um novo subnó representado por outro subesquema de [meio que], responsável por veicular funções discursivas, sugere não apenas uma abstração maior, mas também aumento no nível de esquematicidade e, conseqüentemente, da frequência *type*.

Na figura 1, apresentamos a rede taxonômica das construções instanciadas por [X que]. O polo do sentido de [meio que] no nó inferior, representado por [D], indica os sentidos que [meio que], no processo de pós-construcionalização, pode assumir, notadamente discursivos¹⁵. É preciso mencionar que estamos assumindo, conforme aponta Flach (2020), que não existe uma diferença real entre construcionalização e mudança construcional. Nesse sentido, o termo pós-construcionalização, usado para descrever o processo de mudança que gera novos sentidos para a construção [meio que] a partir de seu uso como advérbio, não implica uma adesão à ideia, proposta inicialmente no trabalho de Traugott e Trousdale (2013), de que só se pode denominar construcionalização o processo que faz emergir um novo pareamento de forma e sentido, embora, prosodicamente, em função de alguns dos sentidos da construção representada pelo último subnó, seja possível assumir que há tanto uma nova função quanto uma nova forma (prosódica) para as microconstruções resultantes do processo de mudança. Além disso, a forma muda também em relação à classe, pois o nome *meio* e o advérbio *meio* são homônimos, assim como o *que* transpositor anafórico (ou pronome relativo) e o *que* conjunção. Assim, embora o som seja o mesmo, as formas são distintas.

¹⁴ Realizamos uma busca no C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), um *corpus* de referência do português brasileiro falado, e perceptivamente pudemos apreender que [meio que] teria uma taxa de articulação mais elevada que o restante do enunciado, contudo apenas uma análise acústica poderia atestar nossa percepção. Como o *corpus* apresentou apenas seis ocorrências de [meio que], mesmo uma análise acústica desses dados seria inconclusiva, haja vista que são um número muito pequeno de dados.

¹⁵ No polo do sentido da segunda e da terceira construções, inserimos, respectivamente, “conjunção” e “advérbio”. Embora esses termos se refiram a classes de palavras, e não a sentidos, estamos levando em consideração que há diversos sentidos que essas construções podem veicular, de modo que os termos empregados apenas ilustram, de forma sintética, a ideia geral das construções.

Figura 1: Rede taxonômica parcial de construções [X que]

Fonte: Elaboração dos autores.

Na representação da figura 1, há dois processos que nos permitem a categorização de mudanças na rede, baseando-nos no modelo da Gramática de Construções Diacrônica. O primeiro é a criação de um novo nó na rede, isto é, $[[X \text{ que}] \leftrightarrow [\text{ADVÉRPIO}]]$, fenômeno conhecido por alguns autores como construcionalização. O segundo é uma mudança interna a um nó já existente: trata-se do processo que leva a microconstrução [meio que] a assumir outras funções associadas a diferentes sentidos no âmbito pragmático-discursivo¹⁶. Esse subnó é criado a partir da abstração do uso específico de [meio que] já construcionalizado, processo que alguns autores denominam como mudança construcional, pós-construcionalização ou, em outras abordagens, como discursivização ou pragmatização. Por isso é que ele está ligado diretamente a [meio que]_{ADV} e não aos outros nós na parte superior da rede. A verticalidade, bem como a seta pontilhada, da relação se relaciona ao fato de que o subnó criado envolve uma construção com sentidos estritamente discursivos, portanto com função dialógica-interacional e de organização metatextual da informação, o que se distancia, em certa medida, daquilo que pertence aos sentidos gramaticais da construção no modelo da rede. Desse modo, esse novo subnó não deve ser representado de forma horizontal, marcando semelhança parcial não oriunda de herança, porque [meio que] com sentido discursivo é abstraído de [meio que] com sentido gramatical, o que justifica uma relação direta de herança, embora a funcionalidade da nova construção se relacione não ao plano gramatical, mas ao discursivo.

A produtividade, por seu turno, diz respeito à extensibilidade da construção, isto é, qual é o seu potencial para a instanciação de construções menos esquemáticas. Nesse sentido, essa propriedade deve ser tratada de forma gradiente, haja vista que instanciar um maior ou um menor número de microconstruções é algo que se pode contabilizar, estando associada, adicionalmente, a uma relação de frequência de ocorrência na língua. Isso é garantido pela aferição tanto da frequência de *types*,

¹⁶ Cf. mais abaixo, ainda nesta seção, a análise das funções assumidas pela construção [meio que] no português, bem como a seção 4, que informa as funções discursivo-pragmáticas das construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol. Embora não seja nosso objetivo detalhar todas essas funções nos dados do português, acreditamos que elas são compartilhadas pelas línguas mencionadas.

entendida, nesse contexto, como o número dos padrões construcionais, quanto da frequência de *tokens*, ou seja, número efetivo de ocorrências de cada padrão construcional. Por exemplo, os padrões construcionais [X que]_{CONJ} e [X que]_{ADV} constituem dois *types*. A busca por [X que]_{CONJ} e por [X que]_{ADV} em um *corpus* oral ou escrito resultaria, portanto, na frequência das efetivas realizações de cada um desses dois *types*, ou, em outras palavras, na frequência dos *tokens*. Com a emergência de uma nova construção gramatical na língua, comumente a frequência de *tokens* tende a aumentar, e isso se deve ao aumento dos contextos nos quais a nova construção passa a ocorrer (cf. BYBEE, 2003). Do ponto de vista da extensibilidade, pode-se afirmar que [X que]_{ADV} instancia vários usos com sentido e função pragmático-discursivos, aos quais denominamos como [X que]_{MD}. Contudo, nosso interesse aqui é contrastar a frequência dos usos canônicos ou lexicais, como NP complexo (DET + meio + que...) ou numeral, com os usos que já passaram pelo processo de (pós-)construcionalização, como advérbio ou marcador discursivo, a fim de verificar qual é o comportamento, em termos de frequência de *token*, desses dois usos ao longo do tempo. Esperávamos observar, conforme explica Bybee (2003), um aumento das novas construções impulsionado não apenas por uma expansão dos contextos de uso, uma vez que tanto o uso adverbial quanto o discursivo-pragmático permitem uma mobilidade da construção pelas diferentes posições do enunciado, mas também por estarmos presenciando cada vez mais o uso de [meio que] seja na fala, seja na escrita, especialmente em textos que divulgam trechos de entrevistas ou naqueles que se aproximam mais da diamesia oral – como comentários de leitores e matérias divulgadas pelas versões eletrônicas de jornais de grande circulação – em função da carga de informalidade que os caracterizam, fator que julgamos ser relevante para a ocorrência do fenômeno. Além disso, conforme descrito na seção 1, no caso específico dos processos de gramaticalização, o que atesta a mudança é o aumento da produtividade impulsionado pela frequência *type*, diretamente correlacionada à maior esquematicidade da forma.

A tabela 1 mostra, pois, a frequência dos usos canônicos e dos usos construcionalizados de [meio que] ao longo dos seis séculos analisados. As duas primeiras colunas depois daquela indicativa do século dizem respeito aos usos lexicais e mostram, respectivamente, as suas frequências absoluta e relativa, ao passo que as duas últimas se referem aos usos não canônicos ou (pós-)construcionalizados de [meio que] e mostram igualmente sua frequência absoluta e relativa, respectivamente.

Tabela 1: Frequências absoluta e relativa dos usos de [meio que] ao longo do tempo

Século	Lex. (FA)	Lex. (FR/mi)	Cons. (FA)	Cons. (FR/mi)
XVI	17	3,83	0	0
XVII	13	3,81	0	0
XVIII	9	4,02	0	0
XIX	61	6,09	0	0
XX	53	2,55	16	0,77
XXI	554	1,03	859	1,66

Fonte: Elaboração dos autores.

A primeira ocorrência de [meio que] data do século XVI, ao passo que o uso construcionalizado aparece apenas no século XX, conforme atestam os exemplos apresentados a seguir:

(17) Séc. XVI

- a. E todo aquelle dia gastavão na igreja a cantarem e folgarem, segundo seo costume. E não era menos a consolação que tinhão pela solemnidade e santa festa do Natal. E por dezejarem estranhamente de se confessarem, fazião ao Padre muita instancia que os quizesse ouvir de confissão, por haver já *hum anno e [meio que] carecião dos fruttos deste sacramento.*
- b. Quatro dias havia que estava ali de parto uma mulher das nobres da terra, já de todo acabando sem nenhum remédio da própria vida e da criança; soube-o o padre Francisco, que acertou de passar então para Tutucurim, uma vila mais notável da mesma costa e não muito longe deste lugar que digo, e como se estivera certo da mercê que Deus Nosso Senhor lhes queria fazer e d[o *meio que] tomava para isso, ofereceu-se a visitar a enferma (...).*

(18) Séc. XX

- a. Atribuímos essa oposição ao fato mais psico que lingüístico de *o falante manipular [meio que] conscientemente os morfemas flexionais* realizados como o segundo “o” de “vôo” e o “i” de “possui” e estar mais acostumado a usá-los como ápice silábico, já que são respectivamente os mesmos morfemas encontrados em “canto” e “tosse” e tantos outros verbos sem hiato.
- b. Conversei com eles bastante, e me identifico muito com a classe violonística. Construir violões não foi um trabalho de abrir uma porta e dizer que vou consertar violão de repente, foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas [meio que] caí numa oficina pelo tempo, e pouco a pouco acabei me tornando um construtor.*

Até o século XIX, [meio que] só ocorria em contextos nos quais havia um numeral seguido de uma oração introduzida por *que*, tal como em (17.a), ou de um sintagma nominal complexo, cujo núcleo é o nome *meio* seguido por uma oração relativa introduzida pelo transpositor anafórico *que*, como em (17.b). Restringindo-se a esses dois contextos, [meio que] como expressão composicional e, portanto, com valor lexical, apresenta uma produtividade mais limitada se comparada ao momento em que se construcionaliza como um pareamento de forma e sentido autônomo, isto é, desvinculado do sintagma nominal complexo do qual fazia parte ou de um NP em que o numeral está justaposto ao relativo, mas não é o seu antecedente, isto é, o relativo ou transpositor anafórico retoma o núcleo do qual o numeral é parte, e passa a ocorrer em ambientes outros nos quais outrora não ocorria, bem como a exercer funções diferentes. Já construcionalizada e sem valor composicional, [meio que] inicialmente exerce função adverbial, tal como em (18.a), modificando, nesse caso, o advérbio conscientemente, e, posteriormente, estende seu escopo de uso, atuando no nível discursivo, o que

lhe permite ocorrer ainda em mais ambientes, por exemplo, após a conjunção *mas*, que introduz uma oração, como ilustra o dado (18.b). Importante observar que, quando atua como advérbio, contribui, de alguma forma, para o sentido daquilo que é expresso pela sentença, ainda que não seja de uso obrigatório, o que se atesta pelo fato de o sentido de (19.a) ser alterado na condição de a construção [meio que] ser removida da sentença, como mostra (19.b). Em (19.a), [meio que] contribui com a afirmação de que o falante manipula de forma mais ou menos consciente os morfemas flexionais. Tal sentença poderia ser reconstruída, num registro mais formal, como (19.c) ou como (19.d). Desse modo, remover [meio que] de (19.a) parece tornar a declaração categórica, eliminando as nuances de imprecisão que [meio que] confere ao conteúdo da sentença. Adicionalmente, parece haver um matiz de modalidade epistêmica¹⁷ nesse tipo de uso, uma vez que o âmbito da imprecisão ou da não certeza expressas por [meio que] nessa sentença é algo que faz parte do sistema de crenças do falante e mostra que ele não está totalmente comprometido com a verdade daquilo que enuncia, diferentemente de (19.b), em que o falante assegura integralmente a validade do conteúdo da sentença.

- (19.a) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular **meio que conscientemente os morfemas flexionais*** [...].
- (19.b) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular **conscientemente os morfemas flexionais*** [...].
- (19.c) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular **praticamente de forma consciente os morfemas flexionais*** [...].
- (19.d) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular **quase conscientemente os morfemas flexionais*** [...].

Diferentemente desses dados, o comportamento de (20.a) é distinto, haja vista que a ausência de [meio que] não altera significativamente o sentido da sentença, conforme é possível observar em (20.b). Isso significa que, independentemente da semântica de [meio que], o sentido da oração é o mesmo, qual seja, o de que o falante foi levado ao trabalho de consertar violões em função do tempo dedicado à atividade relacionada a esse instrumento musical. Desse modo, a presença de [meio que] não altera o fato de que o falante efetivamente caiu numa oficina pelo tempo. Tal uso se assemelha, portanto, ao dos marcadores discursivos, considerando que, geralmente, eles não são itens obrigatórios no enunciado, não contribuem com o valor de verdade da proposição, não se integram sintaticamente com a oração e apresentam bastante mobilidade no que se refere à posição dentro do enunciado (cf. TRAUGOTT, 2021), além de comumente terem como fonte de origem um advérbio ou uma locução adverbial (cf. HEINE *et al.* 2021). Observemos que, nesse caso, [meio que] ocorre entre a conjunção e o verbo flexionado na primeira pessoa do singular da oração coordenada, o que contribui

¹⁷ Para o estudo da modalidade, cf. Narrog (2012), Bybee e Fleischman (1995), Bybee *et al.* (1994), entre outros.

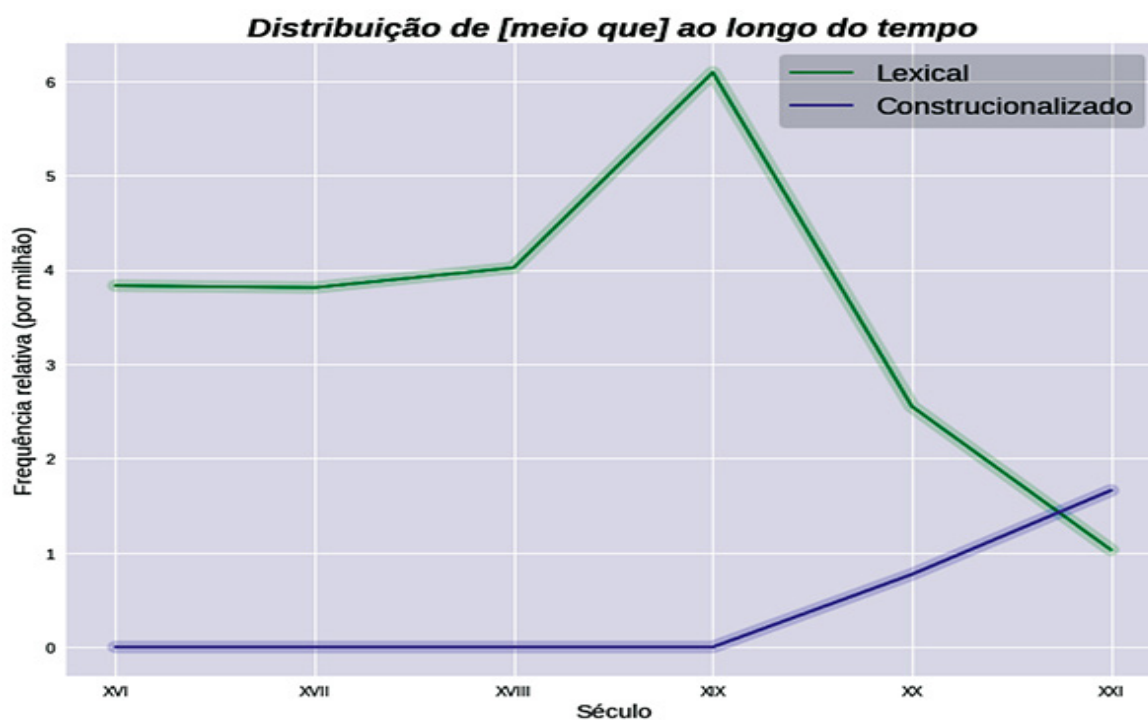
Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

para determinado aumento no nível de produtividade da construção, uma vez que ela se aloca numa posição diferente daquela de (19.a), por exemplo, muito provavelmente pelo fato de apresentar outro valor semântico-pragmático, embora a forma permaneça a mesma da construção que lhe deu origem. É interessante notar também que [meio que] pode ser substituído por outros marcadores discursivos nesse contexto (cf. 20.c), mantendo-se o efeito pragmático, o que evidenciaria tratar-se efetivamente de uma nova construção.

- (20.a) Foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas meio que caí numa oficina pelo tempo.*
- (20.b) Foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas caí numa oficina pelo tempo.*
- (20.c) Foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas tipo (assim) caí numa oficina pelo tempo.*

Para observar o parâmetro da produtividade de forma mais sistemática, os dados foram contabilizados dentro de duas macrocategorias, conforme está disposto na tabela 1, em que os usos como numeral e como nome foram agrupados sob o rótulo “lexical” e os usos como advérbio e como marcador discursivo foram agrupados sob o rótulo “construcionalizado”. O gráfico 1 ilustra a distribuição dos dados da tabela 1.

Gráfico 1: Distribuição de [meio que] ao longo dos séculos XVI-XXI



Fonte: Elaboração dos autores.

É possível observar, por meio da inspeção do gráfico, que os usos lexicais crescem desde o seu surgimento no século XVI, apresentam um pico de crescimento no século XIX e vêm caindo desde então, ao passo que os usos construcionalizados estão em franco crescimento ao ponto de ultrapassarem os usos lexicais no século XXI. A inspeção do gráfico revela, sem dúvida, informações importantes sobre o processo de mudança, contudo, para assegurar a validade de tais informações, é necessário, conforme justificado na seção precedente, adotar testes estatísticos que nos permitam aferir o nível de significância daquilo que se infere a partir da interpretação do gráfico.

Como os dados de que dispomos constituem observações feitas de forma sequencial ao longo do eixo do tempo, nosso objeto configura, portanto, uma série temporal. Dessa maneira, aplicamos o teste de Dickey-Fuller aumentado para verificar se as séries são estacionárias, isto é, se elas não apresentam uma tendência. Os resultados apontaram que tanto a série lexical (ADF: -2,42, $p = 0,13$) quanto a construcionalizada (ADF: 1,62, $p = 0,99$) são não estacionárias. Isso significa que elas não se distribuem em torno de uma média constante sequencialmente ao longo do tempo, o que indica, por sua vez, que há efetivamente uma tendência para o padrão de queda dos usos lexicais e de crescimento dos usos construcionalizados, o que atesta, portanto, a mudança.

Adicionalmente, procuramos verificar se existe uma correlação entre esses dois padrões. Para isso, o teste de correlação tau-b de Kendall foi aplicado aos dados, revelando que há uma correlação negativa forte e estatisticamente significativa entre a série lexical e a construcionalizada (tau-b: -0,77, $p = 0,04$). Isso indica que tais séries estão inversamente correlacionadas, ou seja, à medida que uma tende a decrescer, a outra tende a crescer. Tal resultado evidenciaria, adicionalmente, a atuação do parâmetro da produtividade nesse tipo de mudança. Os elementos construcionalizados tendem a aumentar em frequência de *tokens*, de modo que, no nosso objeto de estudo, esse impulso é tão grande que a tendência é a de superação da frequência de *tokens* dos usos lexicais, como já se verifica no corrente século, atestando, assim, que o aumento da produtividade foi impulsionado pela frequência *type*.

Isso pode ser explicado não apenas pela expansão de contextos de uso, mas também pelas funções discursivas, que são muito frequentes na diamesia da fala¹⁸. É importante registrar que correlação não significa causalidade, de modo que não é o crescimento de uma que causa o decréscimo de outra, ou vice-versa. Ademais, não é possível interpretar que as tendências observadas nos testes possam indicar que os usos lexicais desaparecerão com o tempo em detrimento da expansão dos usos gramaticais. Não há margem para essa interpretação, justamente porque não há nenhum tipo de restrição que impeça tal uso, isto é, sempre será possível utilizar um NP complexo cujo núcleo seja o nome *meio* seguido de uma oração relativa, bem como um numeral seguido de *que*. Além disso, como já registrado, nosso objeto de estudo não constitui uma mudança que envolve a concorrência entre as construções, haja vista que os usos lexicais e os usos construcionalizados desempenham funções diferentes e têm sentido e efeitos pragmáticos muito distintos.

¹⁸ Muitos dados, embora sejam parte de matérias publicadas na mídia escrita, constituem trechos de entrevistas realizadas oralmente.

No que toca ao parâmetro da composicionalidade, conforme apontado na primeira seção, uma construção transparente é aquela em que a soma de suas partes corresponde ao significado do todo, ao passo que uma construção opaca é aquela em que a soma das partes não corresponde ao sentido do todo. Assim sendo, quanto mais construcionalizado o composto, mais seus elementos tendem a apresentar menor composicionalidade. Desse modo, os usos lexicais são composicionais, ao passo que os usos construcionalizados são não composicionais porque a soma de [meio] + [que] já não corresponde mais ao sentido do todo [meio que]_{LEX}, embora possa, em algum nível, preservar resquícios do sentido relacionados, sobretudo, àquilo que pode ser inferido a partir do nome *meio*, tal como a ideia de metade, de aproximação, de parcialidade etc. À medida que o processo avança, a redução gradiente da composicionalidade de [meio que] lhe confere um nível de abstração tão elevado que a construção expande suas funções a ponto de introduzir pensamento falado ou discurso reportado, como demonstram os exemplos (21.a) e (21.b)¹⁹:

(21) Séc. XXI

- a. De repente, vi a grama. Digo, eu estava na grama. Havia uma lombada ali e eu não sei o que aconteceu, o carro simplesmente pulou. *Eu fiquei meio que 'segure-se', sabe? Olhe em volta, tudo está bem.*
- b. A primeira vez que Mark Schwahn apalpou a minha bunda eu dei um tapa na cara dele na frente de seis produtores, e eu bati com força. Então ele voltou para Los Angeles e *fiquei sabendo anos depois por um roteirista [...] que ele estava meio que 'Quem essa puta pensa que é?', enquanto esse adorável homem chamado Mike [...] disse para Mark: 'Talvez você simplesmente não deva tocar nas mulheres'.*

Sabemos que um ponto importante para a descrição do percurso da mudança é identificar o elo perdido que desencadeou o enfraquecimento ou a perda de composicionalidade do composto. De acordo com os teóricos da área da mudança linguística, um dos mecanismos que atua no processo é a reanálise ou neanálise, definida como uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial” (LANGACKER, 1977, p. 58, tradução nossa)²⁰, mas que afeta seu processamento. Nesse sentido, o falante passa a interpretar determinada construção de maneira estruturalmente diferente daquela original. A nossa hipótese é a de que esse processo se iniciou a partir de um lapso de reconhecimento do determinante do NP complexo do qual [meio que] originalmente fazia parte, considerando-se, sobretudo, que a maioria das ocorrências identificadas em nosso *corpus* (cf. tabela 2) é representada por palavras funcionais com uma única sílaba, que comumente tendem a ser

¹⁹ O dado (21.b), extraído do Corpus do Português, se refere a uma matéria publicada no portal *Adoro Cinema* e o trecho destacado é uma tradução da fala de uma atriz norte-americana a respeito de uma situação de assédio que ela sofreu. Trata-se, portanto, de uma tradução de um texto originalmente proferido em inglês. Essa questão será explorada mais especificamente na seção 4.

²⁰ Do original: “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation”.

menos salientes fonológica e informacionalmente (cf. GROSJEAN; GEE, 1987) e, potencialmente, mais propícias ao apagamento.

Tabela 2: Colocados mais frequentes em cada século

	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI					
melhor	2	o	5	Único	2	Único	14	o	10	um	72
o	1	algum	1	No	1	O	11	num	5	o	61
no	1	foi	1	O	1	Um	8	do	4	no	39
do	1	em	1	Algum	1	Do	5	qualquer	4	do	37
hum	1			Qualquer	1	Qualquer	3	no	3	outro	32
segundo	1			(ø)	1	No	2	ao	3	pelo	18
(ø)	1					Exigente	2	um	2	único	17
						Outro	2	nosso	2	ao	13
						Ao	1	outro	2	por	12
						Dum	1	próprio	2	qualquer	10

Fonte: Elaboração dos autores.

Em face desses dados, uma tentativa de reconstrução do processo que ilustra nossa hipótese pode ser observada nos dados abaixo. Tal como estamos propondo, uma possível falha no acesso lexical do(s) determinante(s) mais à esquerda do núcleo nominal do exemplo (22.a), extraído do *Corpus* do Português, deixa vazia a posição desse(s) elemento(s), como se ilustra em (22.b) o que, provavelmente, leva o falante a reanalisar (ou a neoanalisar) a estrutura do sintagma nominal complexo, passando a produzir, posteriormente, construções como (22.c):

- (22.a) “[...] a calçada é muito estreita e tem um poste [no meio [que bloqueia toda a calçada]] e do outro lado da rua tem buraco”.
- (22.b) A calçada é muito estreita e tem um poste [[ø] meio [que bloqueia toda a calçada]].
- (22.c) A calçada é muito estreita e tem um poste [meio que] bloqueando toda a calçada.

Essa reanálise, além de resultar numa construção que se conforma ao padrão [X que], preserva a função adverbial de *meio* identificada em contextos como (23), extraído do *Corpus* do Português, e cuja produtividade na língua tende a ser superior à do nome e à do numeral:

- (23) “Não sei muito bem, mas acho que eu já me achava **meio** velha para aquilo, aos 25 anos”.

Tais contextos sintáticos favorecem a ativação de uma série de gatilhos que contribuem significativamente para a reanálise e, conseqüentemente, para a redução gradiente da composicionalidade do composto e para sua maior esquematicidade. Primeiramente, há que se

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

considerar a questão da já referida homonímia não apenas entre $MEIO_{SUBS}$ e $MEIO_{ADV}$, mas também entre QUE_{TRANSP} e QUE_{CONJ} . A coincidência de significante entre a forma substantiva e a adverbial de *meio*, bem como a contiguidade do significado de parcialidade/aproximação (ponto médio ou intermediário) evocado pelo significante de ambas autoriza o falante a relacionar a construção [meio que] ao padrão [ADVÉRPIO que] cuja produtividade na formação de construções conjuntivas do português é atestada pelo conjunto de dados apresentado nas considerações iniciais. Ocorre que, uma vez apagado(s) o(s) determinante(s) mais marginais do NP cujo núcleo é *meio*, como estamos propondo, apaga(m)-se igualmente a(s) marca(s) linguística(s) que atesta(m) sua natureza nominal, o que torna também opaca a natureza funcional do segundo elemento do composto. Tal opacidade é ainda reforçada pela homonímia verificada entre o significante do transpositor anafórico (ou pronome relativo, na nomenclatura tradicional) e a conjunção, que tende a ser mais produtiva no padrão construcional [X que].

Isso explicaria, a nosso ver, o fato de a construção [meio que], a despeito de se conformar ao padrão [X que], do qual deriva por uma relação de herança, não se comportar funcionalmente como uma construção conjuntiva. Na verdade, sua fonte primária não é, como no caso das demais construções conjuntivas por nós ilustradas, uma palavra gramatical (advérbio ou preposição), ou mesmo uma das formas nominais do verbo (particípio ou gerúndio), mas um substantivo que nucleia um sintagma nominal complexo. Assim, à medida que a função nominal vai se tornando opaca pelo apagamento do(s) determinante(s) pré-nominais, há um conseqüente esvaziamento da classe, o que favorece a reanálise do composto como uma construção adverbial, que servirá de base para construções mais abstratas e, conseqüentemente, mais esquemáticas cuja função é a de marcador discursivo, conforme ilustramos há pouco.

4. Análise contrastiva da construção [meio que] com as construções [kind of/kinda] e [en plan (de)]

Uma vez (a)testadas nossas hipóteses, bem como descrito o processo de gramaticalização da construção [meio que] no português e as funcionalidades que resultaram desse processo, aqui entendido como uma ampliação dos contextos de uso, resta-nos, por fim, conforme nos propusemos a fazê-lo, contrastar nossos resultados com aqueles sistematizados por duas outras pesquisadoras que se ocuparam de fenômeno semelhante em suas respectivas línguas, a saber, inglês e espanhol. Adotando o critério cronológico, remetemo-nos, primeiramente ao trabalho de Margerie (2010), que estudou a gramaticalização da construção [kind of/kinda] na língua inglesa. Tal construção tem sido não apenas apresentada como sinônimo de [meio que] em sítios de cursos de idioma²¹, como também equivale funcionalmente a nosso objeto de estudo, conforme ilustrado por este dado extraído de Margerie (2010, p. 325):

²¹ Disponível em: <https://www.wizard.com.br/idiomas/qual-o-significado-de-kinda/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

(24) “*Oh I was in a really good mood; I wake up in a really good mood, so I [kind of] danced into work.*”

(Oh, eu estava de muito bom humor; eu acordei esta manhã realmente de bom humor, então eu [meio que] dancei no trabalho.)

Além do fato de a construção estudada por Margerie (2010) exprimir, assim como [meio que], a noção de aproximação, funcionando, segundo ela descreve, com base em Austin (1962), como uma “palavra ou dispositivo de ajuste” (“adjuster word”), ela partilha com nossa construção o mesmo percurso diacrônico, já que, tal como proposto por Margerie (2010, p. 332), também emerge no bojo de um sintagma nominal (estágio 1):

[DET + kind + (of + NP)]
[the kind of college]

À medida que o processo avança, nota-se, como no caso de nossa construção, o apagamento do determinante pré-nominal e uma expansão da funcionalidade do composto. Identificam-se, então, valores adverbiais ligados a traduzir noções de parcialidade/aproximação (estágio 2) e de gradação (estágio 3), codificados, respectivamente, pelos seguintes esquemas propostos pela autora:

[Kind of + (a + N_{SG})]
It was [kinda/kind of a surprise]
[kind of + N_{SG/PL}]
People who are organizing foreign policy they have to, [**kinda work**] on two levels, [...]

[Kind of + ADJ/ADV/V]
It's not flat but [kind of deflated]

A partir do estágio 3, preservando, inclusive, a mesma representação formal, mas ampliando-se o escopo da construção, surge o estágio 4, cuja função não é mais adverbial, mas pragmático-discursiva, conforme ilustrado por este dado, extraído da autora ora referenciada (p. 332):

(25) It's [**kind of fucking**] important.

O segundo trabalho de contraponto é o de Rodríguez-Abruñeiras (2020), que descreve fenômeno semelhante ocorrido em uma língua irmã do português. Comparando o processo de gramaticalização da construção [en plan (de)] do espanhol com o da construção [kind of/kinda] do inglês, ela defende a existência de um percurso universal de gramaticalização de marcadores discursivos, que têm como

fonte inicial do processo um nome, cujas funções se expandem primeiramente para marcador adverbial (estágio 2) e, posteriormente, para marcador discursivo (estágio 3). Citando textualmente Traugott (1997, p. 5), assinala que “um dos aspectos mais controversos dos marcadores discursivos têm a ver com sua descrição como elementos que integram a gramática da língua, mas que têm uma função pragmática” (RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020, p. 1547, tradução nossa)²², o que faz com que alguns autores tenham restrições quanto a considerar tais processos como casos de gramaticalização. Mesmo ciente disso, assume, assim como nós, que a gramaticalização concebida enquanto um processo de expansão de usos pode congrega também os marcadores discursivos, estágio em que a construção atinge seu grau máximo de esquematicidade.

Ao descrever os usos adverbiais (estágio 2) da construção [en plan (de)], Rodríguez-Abrunheiras (2020) identifica duas funções: (i) marcador de modo, quando precede substantivo, e (ii) marcador de finalidade, quando seguida por infinitivo. Registra ainda, ao comentar os contextos de reanálise da construção, que, no estágio inicial, [en plan] era exclusivamente seguido por adjetivo, o que tanto se conforma à sua natureza nominal quanto constitui um contexto favorável para sua reanálise como forma adverbial, já que uma das funções do advérbio é modificar adjetivos.

Como construção pragmática (estágio 3), as funcionalidades de [en plan (de)] se ampliam consideravelmente: (i) marcador de foco, (ii) marcador de aproximação²³, (iii) marcador de exemplificação, (iv) marcador de reformulação, (v) marcador de discurso reportado, (vi) *hedge* e (vii) marcador de hesitação.

Buscando estabelecer um paralelo entre o percurso diacrônico proposto por Rodríguez-Abrunheiras (2020) para o processo de gramaticalização da construção [en plan (de)] e nossa hipótese de que o apagamento do determinante seria o gatilho da reanálise do nome *meio* como um marcador adverbial na construção [meio que], identificamos alguns pontos dignos de consideração. O primeiro deles diz respeito ao fato de que, enquanto forma nominal, *plan* poder figurar com determinantes (*su atrevido plan; los planes*). Entretanto, nos estágios iniciais da construção espanhola, o nome *plan* não mais aparece determinado por artigo, senão por uma preposição (*en*) e por um adjetivo pós-nominal que, conforme relatamos, contribuiu para o processo de reanálise, sobretudo na combinação sintagmática com a preposição. Rodríguez-Abrunheiras (2020, p. 1558) assim esquematiza o processo de reanálise da construção objeto de seu estudo:

Estágio 1:

Preposition + Nominal complement	
[en]	[plan formal]

²² Do original: “One of the most controversial aspects of DMs has to do with their description as elements which are part of the grammar of a language but have a pragmatic function”.

²³ Recurso adotado pelo falante para sinalizar para o interlocutor que suas palavras não devem ser entendidas como literais, mas tomadas com sentido aproximado.

Estágio 2:

Adverbial phrase + Adjectival complement
[en plan] [formal]

Observando a proposição acima, entendemos que, uma vez processada a reanálise, pode-se considerar que houve, pelo menos em termos formais, um apagamento do determinante adjetivo, já que, embora não tenha ocorrido, nos termos de Langacker (1977), nenhuma modificação na manifestação superficial da construção, houve uma recategorização da classe, que passou de adjetivo a advérbio para, na sequência, mover-se para uma classe ainda mais marginal, a dos marcadores discursivos. Vê-se, pois, que a comparação do processo de gramaticalização de construções que têm na base uma forma nominal em três línguas distintas atesta não somente uma regularidade no curso da mudança – que compreende três estágios cujo *cline* pode ser sintetizado por nome > marcador adverbial > marcador discursivo –, como também que o apagamento dos determinantes do NP é o fator que concorre para a descategorização do nome e sua conseqüente reanálise como marcador adverbial. Dessa categoria, os futuros marcadores discursivos herdam não apenas a mobilidade sintagmática, como também a natureza subjetiva.

Considerações finais

Tomando como base teórica de análise a Gramática de Construções Diacrônica e concebendo a gramaticalização como um processo de mudança linguística resultante da expansão dos contextos de uso, propusemo-nos a descrever o percurso da gramaticalização da construção [meio que] na língua portuguesa, comparando sua trajetória de mudança com a de duas outras construções semelhantes, a saber, (i) [kind of/kinda], descrita por Margerie (2010), na língua inglesa; e (ii) [en plan (de)], estudada por Rodríguez-Abruñeiras (2020), no espanhol. Nosso *corpus* foi constituído de um total de 1582 (um mil, quinhentos e oitenta e dois) *tokens* representativos de um período de seis séculos e coletados na base de dados do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2019), respectivamente nas seções Gênero Histórico e NOW. Nossa amostragem linguística assim constituída foi submetida tanto a uma análise qualitativa, que se ateve à observação dos parâmetros de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade da construção objeto de nosso estudo, quanto a uma análise quantitativa, que se pautou tanto na normalização dos dados, quanto na aplicação de dois testes estatísticos – teste de Dickey-Fuller aumentado e teste tau-b de Kendall – para julgar a significância dos resultados obtidos. Nossas principais generalizações podem ser assim sistematizadas:

- (i) a construção [meio que] integra uma rede de construções instanciada pelo nó superior [X que] cuja produtividade para formação de construções conjuntivas no português é alta;
- (ii) embora se conforme ao subesquema [ADVÉRBIO que], derivado do nó [X que]_{CONJ}, [meio que] não tem função conjuncional na língua portuguesa, tendo se gramaticalizado inicialmente como marcador adverbial e, posteriormente, como marcador discursivo;

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

- (iii) o contexto de reanálise da construção [meio que]_{ADV} é um sintagma nominal complexo, com apagamento do determinante pré-nominal: [[(det)] + [MEIO_{NOME OU NUMERAL} + [QUE_{TRANSPOSITOR ANAFÓRICO})]]_{LEX} > [Ø meio que]_{ADV};
- (iv) a primeira ocorrência de [meio que] no *corpus* é registrada no século XVI e, até o século XIX, era empregado exclusivamente com valor composicional, restringindo-se a dois contextos: sintagma nominal complexo ou numeral, ambos seguidos de oração relativa introduzida pelo transpositor anafórico *que*;
- (v) a homonímia entre *meio* (substantivo e advérbio) e entre *que* (transpositor anafórico e conjunção) contribuiu para a ativação, por parte do falante, do subesquema [ADVÉRPIO *que*], que está na base da rede construcional de [meio que];
- (vi) o processo de gramaticalização da construção [meio que] se deu no séc. XX, momento em que os testes estatísticos aplicados atestam aumento da esquematicidade e da produtividade correlacionado à frequência *type*, com inversa redução da composicionalidade;
- (vii) embora as construções [meio que]_{ADV} e [meio que]_{MD} sejam menos opacas que [meio que]_{LEX}, a noção de parcialidade ou de aproximação identificada nas formas gramaticalizadas guarda relação com a semântica do nome *meio* (do latim *mēdius* = que está no meio ou entre dois pontos), atestando a natureza gradiente do processo de mudança;
- (viii) a análise contrastiva entre as construções [meio que], [kind of/kinda] e [en plan (de)] acusa similaridade no percurso de mudança entre as três línguas e reforça a tese de que o *cline* nome > marcador adverbial > marcador discursivo tem potencial para constituir um universal de gramaticalização. Ademais ficou claro, no percurso de mudança das três construções cotejadas, que o apagamento do(s) determinante(s) nominal(is) neutraliza os traços de N, contribuindo para a recategorização dessa classe e o conseqüente processo de reanálise do composto.

Essas generalizações trazem, sem dúvida, contribuições relevantes para os estudos de mudança linguística, reiterando a universalidade do fenômeno e a similaridade do processo não apenas em línguas de tronco comum, como é o caso do português e do espanhol, mas também de famílias distintas, como é o caso do inglês em relação às outras duas. Nosso estudo trouxe também à luz a importância da categoria determinante para a manutenção dos traços nominais no âmbito do NP, o que sugere que NPs sem determinantes são, portanto, mais susceptíveis à reanálise. Essa hipótese, assim como uma eventual concorrência entre a construção [meio que] e a construção [(tipo) assim] no português, evoca aqui estudos futuros.

Referências

AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

BARÐDAL, Jóhanna. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2008.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (orgs.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. pp. 602-23.

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, pp. 711-33, 2006.

BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne (orgs.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

BYBEE, Joan; McCLELLAND, James. Alternatives to the combinatorial paradigm of linguistic theory based on domain general principles of human cognition. In: RITTER, Nancy A. (org.). *The Role of Linguistics in Cognitive Science*. Special Issue of The Linguistic Review, v. 22, pp. 381-410, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/tlr.2005.22.2-4.381>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994.

DAVIES, Mark. *Corpus do Português: News on the Web (NOW)*. 2019. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/now>. Acesso em: 31 out. 2022.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: Historical Genres*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 31 out. 2022.

CEZARIO, Maria; SILVA, Thiago; SANTOS, Monique. Formação da construção [XQUE]_{CONEC} no português. *E-escrita*, v. 6, n. 3, pp. 229-43, 2015. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1995/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FLACH, Susanne. Constructionalization and the Sorites Paradox: The emergence of the into-causative. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020. pp. 45-68.

FRANÇA, Mariana. *Uma análise de aproximadores no português brasileiro na perspectiva da semântica formal*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10214?show=full>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GROSJEAN, François; GEE, James P. Prosodic structure and spoken word recognition. *Cognition*, v. 25, pp. 135-55, 1987. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(87\)90007-2](https://doi.org/10.1016/0010-0277(87)90007-2). Acesso em: 20 nov. 2022.

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

HAY, Jennifer. Lexical frequency in morphology. Is everything relative? *Linguistics*, v. 39, pp. 1041-70, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling.2001.041>. Acesso em: 20 nov. 2022.

HAY, Jennifer. From speech perception to morphology: Affix ordering revisited. *Language*, v. 78, pp. 527-55, 2002.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York; London: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania; LONG, Haiping. *The Rise of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HILPERT, Martin. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSÉ, Evie; ANDERSSON, Peter; OLOFSSON, Joel (orgs.). *Grammaticalization meets Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2018. pp. 21-40.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization or grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (orgs.). *What makes Grammaticalization? A Look from its Fringes and its Components*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-44.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. *Diogenes*, v. 13, n. 51, pp. 55-71, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/039219216501305105>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LANGACKER, Ronald. Syntactic reanalysis. In: LI, Charles N. (org.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977. pp. 57-139.

LEHMANN, Christian. *Trouths on grammaticalization: a programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien Projekts 48, 1982.

LIMA, Gilsileide; SOUSA, Valéria; SILVA, Jorge. O emprego da locução [meio + que]: um enfoque funcionalista no vernáculo conquistense. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, pp. 57-75, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.57-75>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MARGERIE, Hélène. On the rise of (inter)subjective meaning in the grammaticalization of kind of/ kinda. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYKENS, Hubert (orgs.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010. pp. 315-48.

McKINNEY, Wes. Data Structures for Statistical Computing in Python. In: PROCEEDINGS OF THE 9th PYTHON IN SCIENCE CONFERENCE (SCIPY 2010), 2010, Austin. *Anais [...]*. Austin: [s.n.], 2010. pp. 51-6. Disponível em: <https://conference.scipy.org/proceedings/scipy2010/pdfs/mckinney.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista de Scienza)*, v. 12, n. 26, pp. 130-48, 1912.

MORETTIN, Pedro A.; TOLOI, Clélia M. C. *Análise de séries temporais*. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2006.

NARROG, Heiko. *Modality, Subjectivity, and Semantic Change: A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, Paula. Outlining a grammaticalization path for the Spanish formula en plan (de): A contribution to crosslinguistic pragmatics. *Linguistics*, v. 58, n. 6, pp. 1543-79, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling-2020-0229>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SEABOLD, Skipper; PERKTOLD, Josef. Statsmodels: Econometric and Statistical Modeling with Python. In: PROCEEDINGS OF THE 9th PYTHON IN SCIENCE CONFERENCE (SCIPY 2010), 2010, Austin. *Anais [...]*. Austin: [s.n.], 2010. pp. 92-6. Disponível em: <https://conference.scipy.org/proceedings/scipy2010/pdfs/seabold.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS (ICHL XII) 1995, Manchester. *Anais [...]*. Manchester: [s.n.], 1997. pp. 1-23. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth C. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e269, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id269>. Acesso em: 20 nov. 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth C; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIRTANEN, Pauli *et al.* SciPy 1.0: Fundamental Algorithms for Scientific Computing in Python. *Nature Methods*, v. 17, n. 3, pp. 261-72, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41592-020-0772-5>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WAKSOM, Michael L. Seaborn: Statistical Data Visualization. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 60, pp. 1-4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21105/joss.03021>. Acesso em: 20 nov. 2022.